

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Coetane Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

**Diretor Responsável**

RUY MESQUITA

**Diretores**

Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## O efeito Orloff, uma metáfora infeliz.

Ao comparar a crise econômica de nosso país com a crise argentina, tanto os economistas e cientistas políticos brasileiros quanto a nossa própria imprensa cunharam um lugar-comum de grande ressonância retórica, mas de discutível validade: **efeito Orloff**. Com essa expressão, forjada a partir da propaganda de um destilado de cereais veiculada pela televisão, eles pretendem sugerir que todos os problemas sócio-econômicos ocorridos na Argentina invariavelmente apareceriam entre nós alguns meses depois.

Se examinarmos com atenção a realidade de ambos os países, veremos que a metáfora não é procedente. Afinal, se existe um denominador comum entre as crises brasileira e argentina, ele se limita a uma tendência do governo Sarney de imitar as estratégias heterodoxas e populistas do governo Alfonsín, em matéria de política econômica. O Plano Cruzado, de triste memória, foi inspirado no Plano Austral. E o Plano Verão, que acabou fracassando estrondosamente no seu objetivo de disciplinar os gastos estatais, reduzir o déficit público e "enxugar" a máquina governamental, foi inspirado no Plano Primavera. À exceção dessas fatídicas inspirações, não há nada mais de comum nas situações do Brasil e da Argentina.

Do ponto de vista histórico, por exemplo, as duas nações tiveram formações distintas. Enquanto o Brasil contou no século passado com uma sociedade clânica e com um Estado patrimonialista, refletindo assim os valores da Contra-Reforma tão arraigados entre os portugueses, a Argentina enfrentou o sangrento conflito da civilização hispânica com a barbárie dos **gaúchos e caudillos** — ou seja, para nos lembrarmos novamente da famosa análise de Sarmiento, feita em 1845, sobre o fenômeno do caudilhismo em seu país, o choque entre a civilização européia e uma civilização indígena incapaz, por seu condicionamento cultural, de captar e entender a "modernidade" de sua época. No Brasil, a política sempre gravitou em torno do Estado, motivo pelo qual se desenvolveu entre nós o que os historiadores chamaram de **cartorialismo**, isto é, o tráfico de influência, o nepotismo administrativo, o favoritismo e a corrupção. Na Argentina, a política esteve atrelada ao **caudillo**, por Sarmiento considerado uma espécie de senhor feudal selvagem e truculento, acostumado a impor sua vontade pela violência e pelo terror. Enquanto aqui tínhamos um imperador de formação humanística, d. Pedro II, do outro lado da Bacia do Prata prevalecia a tirania violenta de Juan Manuel Rosas.

— É por isso que a Argentina até hoje não conseguiu superar o trauma do caudilhismo em sua vida pública. As elites políticas, em vez de se modernizarem, voltam-se agora dramaticamente, mais uma vez, para o passado, tendo permitido a consagração no pleito presidencial de Carlos Saúl Menem — um político que, às vésperas do século XXI, orgulha-se de ser "a encarnação de Rosas com Quiroga", o célebre caudillo de sua província, La Rioja. Entre nós, o caudilhismo emergiu de forma mitigada e reduzido a uma região específica do país. Ele se instalou no cenário federal na forma do **varguismo**, que foi força política hegemônica até o suicídio do ex-ditador, mas hoje está em fase de extinção. O que, aliás, pode ser medido pela progressiva queda do candidato Leonel Brizola — que o próprio Menem, em recente entrevista, designa como sua versão brasileira — nas pesquisas de opinião pública.

Do ponto de vista econômico, as duas nações também tiveram formações distintas. Graças à sua vocação natural para a agricultura e a pecuária, no início do século a Argentina era um dos mais prósperos países do mundo. Seus indicadores de bem-estar eram altíssimos e sua capital chegou a ter metrô antes mesmo de Paris. A depressão dos anos 30, contudo, afetou o preço das **commodities** e comprometeu a prosperidade de sua economia. Mas a grande tragédia se deu no primeiro governo de Perón — reedição europeizada do caudilhismo — entre 1944 e 1955: em vez de retomar a vocação natural de seu país no campo da agricultura e da pecuária, aproveitando-se da expansão mundial do pós-guerra, ele promoveu um processo de industrialização baseado no protecionismo, no nacionalismo e no intervencionismo estatal. Resultado: a Argentina não apenas perdeu sua participação relativa no mercado internacional, fonte de suas divisas, como ainda se revelou incapaz de forjar um grande parque industrial. Sem competição e com o mercado administrado pelo Estado, a industrialização idealizada por Perón acabou sendo um fracasso que perdura até hoje.

Já no Brasil, a depressão dos anos 30 deflagrou um processo gradativo de industrialização que, a partir dos anos 50, se acelerou, resultando num grande desenvolvimento industrial. Até então, o país estava bastante defasado com relação à Argentina. hoje, contudo, a situação se inverteu: nosso parque industrial é o sétimo do mundo ocidental, as forças de mercado revelam-se capazes de resistir à asfixiante tutela do Estado e a nossa presença no mercado mundial é significativa. Enquanto na Argentina a crise é global, dada a simbiose entre o caudilhismo no campo da política e o cartorialismo estatizante no plano da economia, minando a própria autoridade das instituições governamentais, entre nós a crise se localiza apenas ao nível do Estado. As suas estruturas estão podres, o setor público faliu e o governo sequer governa a si próprio. Mas a sociedade continua dando inequívocas provas de vitalidade e o setor privado nunca esteve tão sólido como hoje, dispondo-se a investir desde que as autoridades não atrapalhem e saiam do caminho.

É por isso que o tão comentado **efeito Orloff** não passa de uma infeliz metáfora, pois não coincide com a verdade dos fatos. Enquanto a Argentina vive uma crise conjunta de seus sistemas econômico, político, social e cultural, com a situação agravando-se exponencialmente depois que Menem não se dispôs a colaborar com o presidente Alfonsín para tentar debelar as dificuldades econômicas a partir de um programa articulado em termos minimamente racionais,

o Brasil vive uma crise circunscrita ao setor estatal e que pode ser resolvida mais cedo do que se imagina, caso o eleitorado saiba escolher bem em novembro próximo. No momento em que a sociedade brasileira conseguir colocar o Estado no seu devido lugar, o progresso material e social do país será vertiginoso. O mesmo, infelizmente, não se pode dizer da Argentina.